

ESTILOS OU GÊNEROS LITERÁRIOS

Se Platão disse: “Aquele lá é mentiroso como um poeta!”, isso depende do ponto de vista. A linguagem fria e técnica das ciências é insossa, sem sabor, e pode também esconder inúmeras mentiras. Todos nós somos poetas, ninguém gosta de só falar a verdade fria e tecnicamente, sem o calor de certo exagero, sem um pingão de malícia, sem uma pitada ao menos de humor. Isso deve ser chamado de mentira? Sem esse tipo de mentiras, ninguém vive nem comunica verdade alguma.

Assim também é a Bíblia, ela fala como gente e não feito máquina, ela não é um livro de ciências nem um código de leis ou catecismo de doutrinas. Comparando com a televisão, ela não é uma transmissão ao vivo, nem documentário, nem reportagem, nem jornal ou noticiário, ela pode se parecer mais com uma novela ou um filme.

Um amigo meu, há muitos anos atrás, assistia o filme *Love Story*. O cinema cheio, a certa altura, alguns começaram a chorar e o choro foi contagiando o cinema inteiro. Ele, então, gritou: “É de mentirinha! Não precisa chorar, não!”.

Quem estava certo, ele ou as pessoas que choravam? Qual era a verdade do filme?

Não podemos fazer isso com a Bíblia. Nela encontramos muitas formas, estilos ou gêneros literários, desde ditados populares, novelas, poemas de dor e de esperança, poemas de amor, histórias de heróis, lendas populares, parábolas, alegorias, advertências e denúncias, legislações, orações em prosa e em verso etc. etc.. Cada coisa deve ser entendida de acordo com seu estilo, com a realidade e as maneiras de pensar do seu tempo.

Assim, não é de espantar, por exemplo, nos poemas de amor do livro dos Cânticos, o amado dizer que sua amada se parece com a égua do faraó (1,9), ou a amada ver seu amado como um veado saltando pelas montanhas (2,8-9). Ninguém hoje obedece a lei de Dt 23,14, que manda cada um ter uma pequena pá para, quando for fazer suas necessidades, sair do acampamento, abrir um buraco e, depois, cobrir com terra as fezes. A pergunta que nos devemos fazer é: “O que é que Deus nos diz com isso?”.

Vejamos, então, alguns estilos ou gêneros literários mais importantes:

RELEITURA OU MIDRASH

A palavra hebraica *midrash* é traduzida pela Bíblia da CNBB como ‘comentário’, enquanto João Ferreira de Almeida traduz por ‘história’ e a Bíblia de Jerusalém não traduz, registra a palavra *midrax*, que explica como sendo mais uma memória histórica do que um comentário bíblico.

A palavra vem do verbo *darash* que significa trilhar, percorrer, ir atrás, procurar. É uma procura do sentido de um texto, de uma tradição, de um mito ou de uma lenda. É o jeito de a Escritura comentar, procurar o sentido da própria Escritura, ou de fazer da Escritura uma procura do sentido do que hoje está acontecendo.

Bom exemplo é o livro de Daniel. Ele faz narrativas da época de Nabucodonosor, há mais de duzentos anos atrás, para denunciar a maneira como Antíoco Epifanes está perseguindo os judeus fiéis, quando o livro é escrito.

Alguma coisa semelhante foi feita aqui no Brasil no “Samba do crioulo doido”. A letra faz a maior confusão de personagens e fatos da história do Brasil, cada qual figurando mais de um personagem do momento, para denunciar o golpe militar de 1964. O título que o crioulo doido deu ao seu samba-enredo foi “Conjuntura Nacional” e, com suas estórias malucas, chega ao primeiro de abril de 64 cantando: “e foi proclamada a escravidão, e foi proclamada a escravidão”. E termina: “o trem tá atrasado ou já passou”. É um midrash ou releitura daqueles anos da história do Brasil.

As tradições

Para mostrar a presença de Deus na realidade atual do povo das comunidades de fé, a Bíblia faz releitura das tradições. Tradições são acontecimentos passados que vinham sendo contados de boca em boca.

Até mesmo os Evangelhos, escritos apenas 40 a 60 anos depois de Jesus, são assim. É o que diz Lucas no início do seu Evangelho: Ele não foi testemunha ocular, quer dizer, não viu nem ouviu Jesus. Os que conviveram com Jesus contavam em suas pregações o que ele fez e falou. Depois outros escreveram o que os primeiros tinham contado. Agora, o evangelista aproveita isso, reescreve ou faz a releitura dos fatos narrados e põe tudo numa ordem que confirme a fé dos discípulos de hoje (Lc 1,1-4).

Imagine agora o Primeiro Testamento contando as estórias de Abraão, Isaque e Jacó, fazendo releitura de tradições de cerca de mil anos atrás. Se “quem conta um conto aumenta um ponto”, pense naquelas estórias passando de boca em boca por oitocentos, novecentos, mil anos. Nenhum autor dos livros da Bíblia está pensando em dizer exatamente o que aconteceu, isso não é livro de história nem inquérito policial, sua intenção, seu objetivo é outro.

Qual a intenção da Bíblia? É mostrar a presença de Deus na caminhada do seu povo de ontem e de hoje. Por isso Deus sempre fala com os personagens da Bíblia. Será que ele apareceu e mandou Abraão sair de sua terra? Um dos pensamentos mais fortes da Bíblia é que Deus ninguém pode ver. Como imaginar, então, que ele pudesse aparecer? Quando a pessoa toma uma decisão iluminada pela sua fé, é Deus que lhe fala. Então também o profeta pode dizer: “Assim diz o SENHOR”. E é da mesma maneira que Deus fala com a gente hoje.

Como é que a gente pode ter certeza de que é isso e não aquilo o que Deus nos diz? Os personagens da Bíblia não tinham dúvida, não erravam. Ou será que erravam? Erravam e se corrigiam. No capítulo 7 do Segundo Livro de Samuel, Davi manifesta ao profeta Natã a idéia de construir uma casa, um templo, onde colocar a arca da aliança. O profeta lhe diz: “Pode fazer. Deus aprova o teu projeto!” Mas à noite, deitado em sua cama, Natã reflete um pouco mais e reconhece que não é essa a vontade de Deus e, de manhã, volta ao palácio do rei para dizer-lhe que Deus não quer que ele lhe construa essa casa.

Os Mitos

A Bíblia faz a releitura não só das tradições, que, mesmo sendo de muitos séculos atrás, falam de gente deste mundo. Os mitos falam de acontecimentos de fora da

realidade histórica, fatos que acontecem no mundo dos deuses ou apenas na imaginação do povo que criou o mito. Ao mesmo tempo, os mitos são muito verdadeiros, porque procuram interpretar e dar uma lição oportuna para a realidade humana de hoje.

Nós também temos muitos mitos e lendas, como o saci pererê, lobisomem, mula sem cabeça, além de estórias populares que explicam porque acontece aquilo ou porque isso é assim ou assado.

A Bíblia faz também a releitura de mitos. O povo da Bíblia viveu neste mundo, estava ligado a outros povos e nações que tinham seus mitos, aliás, todos os povos têm os seus mitos, aquelas estórias imaginárias que explicam a realidade e mostram o seu significado.

O livro do Gênesis do início até o final do capítulo 11 é apenas releitura de mitos dos povos com os quais o povo da Bíblia conviveu. As duas estórias da criação, isto é, a dos sete dias e a do homem de barro, ligada ao mito do paraíso e do pecado, estão baseadas em mitos diferentes e são releituras desses mitos.

A criação em sete dias é releitura de mitos da criação que falavam de deuses e demônios, de lutas entre eles. Tinham o mundo como coisa má, pois é resultado casual das lutas dos deuses ou criação dos demônios. A releitura que a Bíblia faz desse mito tira deuses e demônios da criação. É o Deus único que manda e as coisas acontecem. Além disso, “e Deus viu que era bom” é uma frase que se repete como o refrão de um cântico ou poema, para combater a idéia de um mundo mau, criação dos demônios. A releitura do mito ainda ajuda a defender a necessidade do descanso semanal e o culto judaico, pois o sol, a lua e as estrelas não são deuses, mas foram criados pelo Deus único para marcar as datas do calendário religioso.

A releitura de outros mitos como o do ser humano único depois separado em mulher e homem, com o mito do paraíso, do pecado e da perda do paraíso interpreta a realidade vivida na época do escrito e projeta luz para toda a história da humanidade. Quando o ser humano (uma pelota de barro) quer se tornar um deus, ele destrói o paraíso, acaba com a felicidade criada e querida por Deus.

As outras estórias que se encontram nos onze primeiros capítulos do Gênesis, como a dos gigantes que habitavam a terra, a do dilúvio e da arca de Noé, a da torre de Babel são também releituras de mitos antigos.

ESTILO ALIANÇA

Em tempos muito antigos, quando os reis faziam alianças entre si, era seguido sempre um mesmo esquema. Hoje também, os contratos feitos em cartório têm uma mesma estrutura e seguem um mesmo ritual.

Os antigos contratos ou alianças seguiam este esquema e ritual:

- a) Nomes dos contratantes, ou reis que fazem aliança
- b) Prólogo histórico que, quando um rei impunha ao outro o contrato ou aliança, sempre começava assim: “Você viu o que eu lhe fiz!” Muitas vezes eram estas as afirmações: ‘Eu lhe dei casas que você não construiu, dei-lhe lavouras que você não plantou’ etc.
- c) Estipulações gerais tipo: “Você será amigo dos meus amigos e inimigo dos meus inimigos!”

- d) Estipulações particulares eram as determinações mais concretas.
- e) Bênçãos e maldições para quem cumprir ou deixar de cumprir.
- f) Invocação dos deuses para garantir o cumprimento da aliança.
- g) Ritual de sangue ou morte como ameaça velada para quem não cumprir. Esse ritual geralmente consistia em dividir pelo meio alguns animais e passar entre as duas metades pronunciando as maldições, como se dissesse: “Que eu seja partido ao meio, se não cumprir.”
- h) Os termos da aliança deviam ser passados por escrito.

Encontramos muitos desses elementos na Bíblia. A proposta da Aliança do Sinai (Ex 19,4) começa exatamente assim: “Vistes o que fiz aos egípcios e como vos...”. Isso pode ser considerado o ponto de partida de todas as histórias da Bíblia. Ao fazer aliança com o povo, Deus lembra o passado tudo o que aconteceu e que tudo aquilo significa o amor de Deus pelo povo. Javé estava com o povo quando ele saiu do Egito, assim estava também no passado mais remoto lembrado nas velhas tradições e até nos mitos da criação. Leia o Salmo 136 (135).

A estipulação geral da Aliança de Javé com o Povo se encontra num refrão insistentemente repetido por toda a Bíblia: “Vós sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus”.

As estipulações particulares estão nos mandamentos, que têm seu estilo particular e vão merecer uma observação especial.

Bênçãos e maldições se encontram também frequentemente, até mesmo nos Evangelhos. As bem-aventuranças em Mateus colocam o sermão da montanha (capítulos 5-7) no contexto da aliança e as Bem-aventuranças e os Áis ou maldições (Lc 6,17-49) abrem o correspondente sermão da planície no Evangelho de Lucas.

No episódio do Lava-pés (Jo 13), Jesus levanta-se da ceia, enquanto os discípulos continuam sentados ou reclinados, como era de costume. O senhor fica sentado ou reclinado, enquanto o escravo ou empregado fica de pé para servir, como um garçom num restaurante. De pé, Jesus prende uma toalha à cintura como se fosse um avental, põe água numa bacia e lava os pés aos discípulos, como era dever dos escravos. Depois diz: “Vocês viram o que eu lhes fiz? Vocês me chamam de Mestre e Senhor e eu sou mesmo, então vocês devem fazer como eu fiz.”

Aqui já temos o nome ou os títulos (Mestre e Senhor), o prólogo histórico (“vocês viram o que eu fiz”) e a estipulação geral: fazer como Jesus fez. As estipulações particulares, ou mandamentos, se resumem numa só: amar do jeito que ele amou, dando a vida pelos amigos, que é o tema inicial de todo o longo discurso da Ceia (Jo 13-17).

O rito de passar entre metades de animais divididos ao meio aparece na Aliança de Deus com Abraão (Gn 15,17). Uma tocha de fogo que passa entre as metades de animais representa Javé confirmando a aliança.

Moisés, na conclusão da aliança do Sinai (Ex 24), derrama metade do sangue sobre o altar e asperge a outra metade sobre o povo dizendo: “Este é o sangue da aliança que Javé faz com vocês”.

O rito de morte ou de sangue, que garantia a aliança, é lembrado por Jesus na última Ceia, quando ele diz: “este cálice é a Nova Aliança *selada* com o meu sangue”.

O texto escrito da Primeira e da Segunda Alianças resultou na Bíblia.

LEIS OU ENSINAMENTOS

A palavra 'Lei' traduz mal a palavra hebraica *torah*, que quer dizer mais propriamente ensinamento, instrução, orientação. Era tarefa dos sacerdotes instruir o povo, como era função dos governantes fazer o julgamento e missão do profeta proclamar suas visões ou oráculos divinos.

Assim é que na época de Miquéias (3,11): *Seus chefes dão sentenças a troco de uma propina, seus sacerdotes instruem em vista do lucro, seus profetas advinham por dinheiro*. E na época de Ezequiel (7,26): *reclamarão visões do profeta, estarão em falta a doutrina do sacerdote e o conselho dos anciãos*.

As “leis” da Bíblia, portanto, são mais instruções ou orientações do que leis propriamente ditas. O seu conjunto não se parece com um código de leis como o Código de Direito Canônico, Código Civil, Código Penal e outros. Pequenos conjuntos estão colocados lado a lado, aliás, sem muita ordem. Além disso, há várias repetições e diferentes apresentações das mesmas “leis”.

Leis dos acampados e leis dos sedentários

Algumas normas ou leis são mais antigas e refletem o tempo em que o povo viveu como nômade, morando em acampamentos e cuidando apenas de ovelhas e cabras. Outras normas são mais recentes e mostram que o povo já desenvolvia a agricultura, criava gado de porte maior e morava em casas e cidades, já se havia tornado sedentário.

Das primeiras é um bom exemplo a determinação de Dt 23,13-14, que manda cada um ter uma pequena pá para que, quando for fazer suas necessidades, saia do acampamento e depois cubra de terra as fezes.

As “leis” que falam de bois, de casas e de cidades devem ser de um período mais recente, quando o povo passou de nômade a sedentário, a morar em casas em vez de barracas e a ter vacas e bois em lugar ou além de apenas ovelhas e cabras.

Isso mostra que muitas dessas “leis” têm um valor relativo e que valem mais pelo seu significado do que por aquilo que diretamente dizem. Aliás, o próprio Jesus fala disso, quando vão lhe perguntar se o marido, segundo Deuteronômio 24,1-4, pode repudiar ou despedir a esposa por qualquer motivo. Ele responde: “Moisés deu essa lei por causa da cabeça dura de vocês.” (Mt 19,8).

Leis apodíticas e leis casuísticas

Apodíticas são as leis que apenas determinam o que se deve fazer ou deixar de fazer, como os dez mandamentos. Frequentemente elas dão as razões pelas quais a lei é dada. Comparando Êxodo 20 com Deuteronômio 5: em Ex. 20,8-11 a principal razão pela qual se deve guardar o sábado é que Deus também descansou no sétimo dia; já em Dt 5,12-15 a razão do descanso semanal é lembrar que Deus tirou o povo da escravidão.

Não só os mandamentos são leis apodíticas. Apodíticas são também leis como a que proíbe ao proprietário fazer a cata em sua lavoura, o que ficou na árvore ou caiu no chão pertence aos pobres, ou a lei que proíbe amordaçar o boi que trilha o trigo. S. Paulo (1Co 9) diz que essa lei não está tão preocupada com os bois, refere-se aos seres humanos, quem trabalha deve viver desse trabalho, o missionário pode viver da missão.

Leis casuísticas são aquelas que começam com um “quando” ou um “se”. Apresentam primeiro um fato ou caso e terminam dizendo qual deve ser a solução. É, por exemplo, o caso de Dt 24,1-4: a mulher casada, despedida pelo marido, que lhe deu “a carta de repúdio”, que depois se casa com outro, depois com outro e, se ficar viúva ou for despedida, quiser voltar ao primeiro marido, não poderá fazê-lo. Como foi dito acima, o próprio Jesus diz que essa lei é relativa.

Como essa, há muitas, basta folhear Êxodo, Levítico, Números ou Deuterônomo, que inúmeros desses exemplos serão encontrados.

Lei do talião

Entre as leis casuísticas é clássica a lei do talião. É uma lei mais antiga do que a Bíblia e regula o castigo como vingança: talião vem da palavra ‘tal’: só tal e qual o agressor fez à vítima será feito ao agressor. À guisa de exemplo serve a bem conhecida palavra do Evangelho segundo Mateus que cita essa lei (Mt 5,38): *foi dito aos antigos: olho por olho, dente por dente.*

Como a citação de Ex 21,24 em Mt 5,38 pode dar a entender, não se trata de um gesto pessoal de vingança. Esse princípio legal, desde as legislações mais antigas conhecidas, era apenas uma norma para a aplicação da justiça pelas autoridades¹. Fazer justiça plena era entendido como aplicar um castigo igual, tal como o mal causado à vítima.

Originária dessa ordem de idéias havia a figura do ‘redentor’², “vingador de sangue”, ou “fiador”, aquele que não poderia descansar, enquanto não matasse o assassino do seu irmão. Sem justiça completa, não há paz.

Com o decorrer do tempo esse rigor foi cedendo lugar a uma interpretação mais branda, até chegarmos ao Evangelho onde Jesus pode contestar uma idéia de vingança apoiada na Bíblia dizendo: “foi dito aos antigos: ‘olho por olho, ...’, eu, porém, digo”.

No mesmo Evangelho de Mateus, porém, encontram-se estas afirmações “Se tua mão te leva a pecar, corta-a, se teu pé te leva a pecar...”. Elas são semelhantes a normas encontradas no Código Hammurabi como (§ 195) “Se um filho bateu em seu pai: cortarão a sua mão”. Nessa passagem do Evangelho ainda está presente a mentalidade da lei do talião.

“Pagar tal e qual” fazia parte do conceito de justiça e, sem que a justiça fosse feita, a vítima não encontraria a paz, que significa sua realização plena³, sempre estaria

1 É assim no Código Hammurabi (1700 AC) e nas leis de Eshnuna (1800 AC).

2 Veja a palavra no Vocabulário Bíblico.

3 Veja a palavra ‘paz’ no Vocabulário Bíblico.

faltando alguma coisa. Isso se torna ainda mais sério quando pensamos na mentalidade profundamente religiosa, cheia de medos e mistérios do além, que impregnava todos. Quem faz o mal deve pagar tal e qual fez, isso é a justiça e os deuses cobram. E, enquanto não cobram, está havendo uma falha, a vítima não tem paz.

No livro do Apocalipse (6,5-11) ao abrir-se o quinto selo ou lacre do livro da história, são os martirizados, as vítimas do Império, que clamam: “Até quando, Senhor, tardarás em nos fazer justiça, vingando o nosso sangue, contra os cidadãos do Império?”. O sexto selo (12-17) significa essa justiça, essa vingança.

Não admira, então, o lindo poema das saudades de Sião que é o Salmo 137 (136) terminar desejando que alguém pegue as criancinhas dos babilônios e lhes arrebente as cabeças numa pedra. “Se eles fizeram assim com nossos bebês, só teremos paz verdadeira quando alguém fizer a mesma coisa com eles”.

Muito menos podemos nos espantar com o Salmo 83 (82) que pede a Deus o que há de pior para as nações inimigas, nem com o Salmo 109 (108), que também pede a Deus um castigo em regra contra os exploradores dos pobres. No fundo de tudo isso está um pensamento calcado na lei do talião.

Lei escrita e Lei oral

Os fariseus do tempo de Jesus veneravam a *torah* oral, ou as antigas tradições, consideradas anteriores à *torah* escrita, a Escritura. Mas só depois da destruição do Templo de Jerusalém, ocorrida no ano 70 da nossa era, nos esforços para a reorganização do judaísmo, os fariseus passaram a falar explicitamente em lei ou *torah* oral. A hipótese é que Moisés tenha dado essas instruções a Josué, que as passou aos mestres de Israel e isso se tornou a “Tradição dos Antigos” como diz Jesus nos Evangelhos.

Segundo os fariseus essa, Tradição dos Antigos ou *torah* oral não se opõe à Escritura, ou Lei escrita, apenas comenta e esclarece. Assim, ela explicita, se é o caso, as ações proibidas no sábado, entre as quais estão amassar, colher, plantar, pegar em armas, andar mais que certa distância etc..

Os Evangelhos, refletindo a polêmica dos cristãos contra os fariseus, criticam violentamente a valorização exagerada dessa *torah* oral. Quando, por exemplo, Jesus amassa um pouco de barro com a sua saliva para curar o cego de nascença (Jo 9), os fariseus dizem que Jesus não vem de Deus porque é um pecador, não guarda o sábado. Enquanto isso, o próprio cego que passou a enxergar se admira de eles dizerem não saber de onde é Jesus.

Um dos pontos fortes da polêmica entre fariseus e saduceus é exatamente a Lei ou *torah* oral. Para os saduceus, só vale a Escritura, a Lei escrita, como também não há ressurreição ou qualquer esperança de outra vida. Os fariseus parecem ser herdeiros dos *hassidim* ou devotos, da época dos Macabeus e do Livro de Daniel, onde aparece com clareza a idéia de ressurreição ou nova vida depois desta. Devem vir dessa época os princípios fundamentais do farisaísmo e os 603 mandamentos da Lei oral.

ORÁCULOS PROFÉTICOS

Outro gênero ou estilo literário muito comum na Bíblia são as palavras dos Profetas. Profeta é aquele que fala por alguém. É o caso de Ex 4,16: Aarão deve falar por Moisés, ser a sua boca, e Moisés será deus para ele e 7,1: Aarão será profeta de Moisés e Moisés será deus para o faraó. Profeta, então, não é um adivinho ou quem prevê o futuro, é quem fala por outro, no caso, por Deus.

Na Bíblia são conhecidos os Profetas do SENHOR ou de Javé que apenas aparecem nos livros chamados históricos, mas não têm um livro com seu nome, uma coleção de seus oráculos. Elias e Eliseu talvez sejam os mais famosos. É bem conhecido Natã, que era como que um conselheiro de Davi, houve também certo Aías de Silo assim como a profetisa Hulda, além de inúmeros chamados apenas de ‘homens de Deus’.

É do estilo dos profetas iniciar suas falas dizendo: ‘Isto diz o SENHOR’. Não que Deus lhe tenha aparecido ou tenha-lhe sussurrado alguma coisa aos ouvidos. O Profeta sabe interpretar a realidade, sabe ver o que Deus está dizendo nos fatos, naquilo que João XXIII chamava de “sinais dos tempos”. Não precisa ver Deus nem ouvir vozes do outro mundo, ele tem toda a segurança de que aquilo é o que Deus quer.

Os autores falam de duas classes de oráculos proféticos: a profecia de salvação e a profecia de condenação. A de condenação tem duas partes: a denúncia dos erros cometidos e a previsão do castigo. Isso é feito de diversas formas, desde as condenações das diversas nações nos primeiros capítulos de Amós, até o belíssimo poema chamado cântico da vinha no capítulo 5 de Isaías.

Os oráculos de salvação só trazem o anúncio da salvação, não trazem outra motivação a não ser o sofrimento do povo e a compaixão de Deus. A salvação é gratuita. Eles se exprimem frequentemente nos mais belos poemas que encontramos em todas as coleções dos profetas chamados escritores.

Eles não falam de Jesus? Não anunciam a chegada do Messias? - Não como se imagina! Sim, muitas vezes eles anunciavam a solução favorável de alguma situação ameaçadora como Is 7,5-9 ou uma grande esperança como Is 11,1-9.

Descreviam de maneira tão grandiosa o que esperavam, que aquilo acabou não se realizando com toda aquela facilidade e perfeição. A esperança ficava, então, para o futuro, como no caso de Is 11,1-9, vista mais tarde como profecia messiânica. A gente deve se perguntar: Jesus realizou plenamente Is 11,1-9? Acabou com situação humana de lobos e cordeiros? Fez com que deixássemos de ser como animais selvagens?

Outras vezes, como nos Cânticos do Servo de Javé (Is. 42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12) os estudiosos não conseguem identificar de quem o profeta poeta estava falando, quem é esse que, resistindo à violência sem praticar violência acaba vencendo e tornando-se uma luz para todas as nações. A roupa parece grande demais ou os personagens pequenos demais. Para Jesus essa roupa serve.

Não é necessário que o profeta tenha tido consciência plena e completa de que suas palavras só serviriam mesmo para um messias igual a Jesus, ou que, como alguns ingenuamente imaginam, o profeta tenha previsto exatamente o que iria acontecer. O profeta não viu nem previu os sofrimentos de Cristo. Os evangelistas é que, para mostrar como Jesus realizou plenamente aquelas palavras, as tinham em mente quando fizeram o relato da paixão.

São textos que só entendemos perfeitamente, pensando em Jesus, só Jesus preenche aquela roupa; por outro lado esses textos é que nos ajudam a entender melhor Jesus e o significado de sua morte. Sem Jesus essas palavras não são plenamente entendidas, sem elas Jesus não é plenamente entendido.

A P O C A L I P S E S

Outro estilo ou gênero literário muito frequente na Bíblia é o apocalipse. Não se trata somente do último livro da Bíblia, o Livro da Revelação ou Apocalipse de João. Por causa dele, isto sim, foi que o estilo ou gênero literário ganhou esse nome. É um estilo que vai às últimas consequências.

Os primeiros apocalipses

Apocalipse significa revelação. Consideravam encerrado o tempo dos profetas. Agora Deus não fala mais, o céu está fechado, não há mais revelações de Deus.

Mas o que pensar da situação angustiante que o povo vive? Será que Deus nada tem a dizer sobre isso? O céu não se abre novamente?

Surgiram, então, os primeiros apocalipses. Apresentavam-se como revelações de figuras importantes do passado como Enoc, Moisés, Elias, Isaías e outros. Muitos não são canônicos, isto é, não fazem parte da Bíblia. Outros como Daniel e Zacarias estão na Bíblia, são canônicos.

Essas figuras importantes do passado, como Daniel, por exemplo, descrevem em forma de visões e imagens às vezes fabulosas, o que iria acontecer no futuro. Só que, quando os escritos são divulgados esse futuro já é passado. Como os atletas no salto de obstáculos, afastam-se a certa distância para tomar impulso e saltar, os apocalipses voltam atrás, ao passado de sofrimento e opressão, mostrando como o povo de Deus superou tudo e cada império opressor foi destruído, a fim de trazer esperança e ânimo para se superarem também os obstáculos presentes.

A linguagem

Como a situação é desesperadora, a linguagem é exagerada, misteriosa e cria uma mistura de símbolos desconexos, que formam imagens fabulosas, que ninguém consegue se figurar ou desenhar.

Nós usamos esse estilo exagerado de falar quando dizemos coisas assim: “Caí das nuvens!”, “O céu caiu na minha cabeça!”, “Desabou tudo!”, “Foi um fim de mundo!”. Ninguém vai cobrar de quem diz uma coisa assim que aquilo tenha acontecido tal e qual. É um jeito de falar que nós usamos.

Essa linguagem ou maneira de falar é usada pelos escritores e cantores nas situações extremas, quando o poder ditatorial está massacrando o povo, quando o povo já não vê uma saída.

Esse estilo foi muito usado, especialmente na música popular brasileira, no período do regime militar, principalmente depois do AI 5. Muitas canções apresentadas nos festivais de música popular brasileira da TV Record ou nos festivais internacionais da canção da TV Globo falavam de um dia que vai chegar, ou usam figuras como o carcará, espécie de gavião, ou o “boi”, peão que vai a pé, no meio da boiada etc.

“Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”, quando Chico Buarque a compôs e a apresentou, a música passou pela censura. Depois de gravado e divulgado o disco,

foi que os militares descobriram que o “você” da música era o regime militar. Mandaram, então, retirar o disco das lojas, mas as pessoas que o tinham comprado gravavam e passavam para outras. Isso tudo é característico da linguagem apocalíptica.

Aumenta a auto-estima do povo sofredor

O povo está sofrendo, massacrado pelos donos do poder. A linguagem apocalíptica aumenta a auto-estima do povo oprimido, pois o povo simples entende o que diz aquela linguagem, enquanto os opressores não entendem. Como nosso povo entendeu antes dos militares quem era aquele “você” ou qual era aquele “Cale-se”, o povo daquela época também entendeu o que significavam aqueles sonhos e visões, por exemplo, dos capítulos 7 e 8 de Daniel, enquanto o tirano Antíoco nem tomava conhecimento.

É pra já

O povo está numa situação extrema, desesperadora, a saída tem de ser encontrada logo, rapidamente. Todas as imagens e figuras, por mais terríveis que sejam, sempre terminam na vitória do povo de Deus, sempre desembocam na salvação, sempre acabam dizendo que os subjugados vão reinar. Isso, entretanto, não pode demorar. É pra já, é urgente, o dia vai chegar em breve, amanhã há de ser outro dia. Isso se nota em todos os apocalipses.

Falam do messias e do fim

Os apocalipses anunciam um fim que é um novo começo. Anunciam o fim de uma era de sofrimento e opressão e o começo de uma nova era. Um personagem significa o começo desse novo tempo, é o “filho do homem” de Daniel 7,13, é o Germe de Zacarias 6,12, é o Ungido, o Messias.

O fim anunciado, porém, embora isto não esteja totalmente ausente da perspectiva apocalíptica, não é o fim absoluto da vida humana na terra, como muitas vezes se imagina. Os apocalipses dos Evangelhos sinópticos (Mc 13, Mt 24-25 e Lc 21,5-36), por exemplo, falam da destruição do templo e do fim de Jerusalém, o que, de certo modo, forçou o cristianismo a se espalhar pelo mundo⁴. O cristianismo é filho do judaísmo, foi como se a mãe morresse antes de se cortar o cordão umbilical. Foi, realmente, um ‘fim de mundo’.

O Anticristo

O opressor, seja ele Antíoco Epifanes, Nero ou Domiciano, é o diabo, o satanás, o grande inimigo do povo de Deus. Se nesse tempo de opressão e sofrimento é preciso alimentar uma esperança, o principal causador desse sofrimento acaba se tornando o Malvado ou o Iníquo por excelência, o Antimessias ou Anticristo. Chegar o fundo do

⁴ Se em Marcos 13, 27 traduzimos ‘mensageiros’ em vez de ‘anjos’, fica claro que são os discípulos missionários de Jesus que vão recolher outros ‘eleitos’ pelo mundo todo. O v. 30 afirma que o que está dito acontecerá “nesta geração”, isto é, dentro de quarenta anos. A destruição de Jerusalém e do templo ocorreu no ano 70, exatamente quarenta anos depois de Jesus.

poço é esperança de saída. A vinda do Messias, a esperança de salvação, só vai acontecer depois de se identificar o Anticristo, o inimigo por excelência.

Tudo isso faz parte da linguagem apocalíptica e jamais deve ser tomado ao pé da letra. Só uma coisa deve ficar bem clara o estilo apocalíptico é utilizado para dar esperança e coragem e não para amedrontar ou dar um nó nas cabeças das pessoas.